

Incursões iniciais sobre o passeio do batuque gaúcho na região metropolitana de Porto Alegre¹

Rafael Cristaldo, PPGAS/UFRGS²

Palavras-chaves: batuque, ritual, passeio.

1 PONTO ZERO³

No dia 18 de janeiro de 2020, Pai Maninho de Ogum Avegã Dein⁴, de Canoas/RS, e o porteiro do Santuário de Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre/RS, foram protagonistas de um conflito, ou *incidente*, como foi chamado o ocorrido, registrado e publicado em vídeo⁵. Pelo que podemos entender, Pai Maninho, um homem branco, e seus filhos tiveram seu passeio interrompido por esse funcionário da igreja.

O vídeo começa no meio da discussão. Nos primeiros segundos, vemos Pai Maninho, um homem branco uniformizado de branco e vestindo guias, segurando um papel enquanto o porteiro, um homem negro de mais ou menos 60 anos, pergunta se ele nunca tinha recebido aquilo antes. Pai Maninho responde que não, e o porteiro diz: “Então estou lhe dando agora. Preciso que o senhor respeite”. Pai Maninho responde que quem precisa ser respeitado é ele; caso contrário, ele vai chamar a polícia porque aquilo é “discriminação contra a religião”. O porteiro argumenta que aquilo não é discriminação, que nem os católicos podem acessar o presbitério, e que Pai Maninho pode fazer sua visita, desde que respeite as regras daquele espaço católico. Pai Maninho pergunta ao seu grupo, vestidos de axós⁶ brancos e vermelhos, quantas pessoas ainda

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Licenciado em Ciências Sociais pela mesma universidade. Contato: cristaldo.rafa@gmail.com.

³ Nesta seção, apresento dois documentos que nos ajudaram a tomar um conhecimento inicial sobre o que deveria ser pesquisado e onde: o passeio no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre/RS. Os documentos são de 2020 e meu primeiro contato com eles foi em 2022, quando foram enviados a mim pelo meu orientador, Emerson Giumbelli, no início das atividades da iniciação científica. De forma geral, esse texto é uma apresentação do problema e dos primeiros dados obtidos.

⁴ Utilizo o nome real de Pai Maninho porque, além de seu nome e do seu rosto aparecerem no vídeo que será discutido a seguir, existem entrevistas suas em vídeo na Internet.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/jucara.alves.509/videos/1428785927299849>. Acesso em: 14 jun. 2024.

⁶ Roupas de religião. Branca ou colorida. Caracterizada por guias (colares de contas), panos na cabeça e saia para as mulheres.

não fizeram o “ritual” e tenta argumentar que só faltam duas pessoas “*baterem cabeça*”, mas o porteiro apenas repete a palavra “não”.

Até uma integrante da paróquia vai até Pai Maninho para dizer que, do mesmo modo que ela não pode ir à terreira dele e querer mudar as coisas, ele não pode fazer isso naquele santuário.

Então chega o pároco/reitor, Gelson Ferreira⁷, um homem branco. Pai Maninho começa a lhe explicar que ele faz “esse ritual” ali há 20 anos e o padre interrompe: “Qual ritual?”. Pai Maninho prossegue:

Eu venho fazendo meu ritual de passeio. E aqui cumprimento a Deus, aos or... a Oxa... Jesus Cristo. Tudo aqui dentro, aqui nesse púlpito. Toda a vida. Toda a vida eu fiz isso. Há mais de 20 anos. E hoje, hoje, por incrível que pareça, fiquei muito... muito surpreso... Além de não terem me informado nada...

Nesse momento o padre apontou para o papel na mão de Maninho e repete as instruções do porteiro: a partir daquele momento, aquelas regras devem ser respeitadas.

Maninho pergunta mais uma vez quantas pessoas não completaram o “ritual” e pede licença ao padre para que essas duas pessoas possam concluir seus ritos. O pároco responde que sim, mas, como exemplo, demonstra com seu corpo o cumprimento que é permitido: é aceitável apenas inclinar o tórax para a frente. Diz: “*Não o cumprimento de deitar no chão*”. Ao que algum participante do grupo responde: “Não. Mas ninguém deita no chão”.

A conversa prossegue, e Pai Maninho diz para o integrante do seu grupo subir ao presbitério para terminar o ritual. O padre fala que não, que o ritual deve ser concluído dali onde estão. O porteiro complementa: “Lá em cima não. Lá em cima não tem fundamento.” Apesar desses avisos, o integrante vai até o altar e encosta a testa no altar.

O padre tenta justificar o ocorrido, dizendo que nem todos os grupos religiosos que vão até o santuário respeitam o altar-mor e que “se deitam” lá. Por isso, regras foram colocadas. Maninho responde: “Não, eu não faço isso. Não faço isso. Faço isso dentro da minha terreira. Aqui eu só fa... *tiro agô* e saio”.

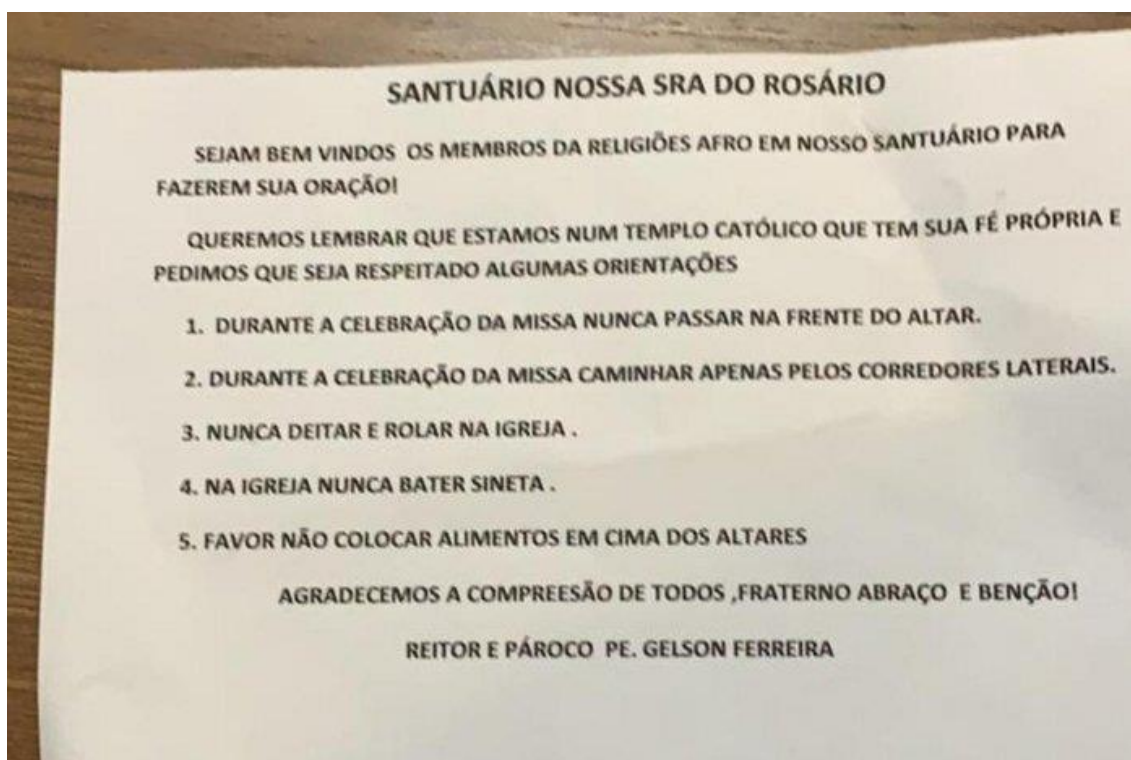
A partir desse momento o vídeo se encaminha para o final. O padre diz: “Desculpa! Bem-vindos! Rezamos juntos, tá?”. A última coisa que ouvimos é alguém do grupo de Maninho dizer: “Uma vergonha!”.

⁷ Seu nome também é facilmente encontrado como responsável pelo santuário, além de constar no Ofício nº 5, mencionado a seguir.

(No dia 27 de janeiro de 2020, em entrevista ao portal Grande Axé, Pai Maninho contou que, depois do incidente, não conseguiu terminar o passeio. Ele destacou a violência do ocorrido e o constrangimento que sofreu.⁸)

No dia 24 de janeiro de 2020, o Diário Gaúcho publicou uma matéria sobre as repercussões do incidente (WEBER, 2020). Weber relata que a Federação Afro-Umbandista Espiritualista do Rio Grande do Sul (Fauers) procurou a Arquidiocese de Porto Alegre para pedir uma explicação do ocorrido. A matéria também tenta explicar rapidamente o que é o passeio e apresenta uma fotografia do papel que foi entregue a Pai Maninho e que estava colado na entrada do santuário (Figura 1):

Figura 1 – Instruções entregues a Pai Maninho



Fonte: WEBER, 2020

De início, o santuário dá as boas-vindas aos grupos de religião afro. No entanto, explicam que o templo tem sua fé católica e que algumas orientações devem ser respeitadas, como: durante a missa, é proibido passar na frente do altar e, nesse momento, somente os corredores laterais são permitidos; é proibido tocar sineta e colocar alimentos nos altares; e, finalmente, “nunca deitar e rolar na igreja”.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/grandeaxebrasil/videos/2610892169167093>. Acesso em: 24 jun. 2024.

No dia 21, uma terça-feira, devido a repercussão do *incidente*, houve uma reunião entre a Arquidiocese de Porto Alegre e a Federação Afro-Umbandista Espiritualista do Rio Grande do Sul (Fauers), solicitada pela Fauers. Nesse encontro, a Fauers e a arquidiocese fizeram pedidos uma para a outra. A Fauers pediu que, já que não se pode acessar o altar, ele fosse delimitado. Por sua vez, a arquidiocese solicitou que a Fauers produzisse um documento para ser encaminhado às igrejas explicando como o passeio é feito. Segundo Weber (2020), o presidente da Fauers saiu da reunião acreditando que o impasse havia sido solucionado.

Esse pedido resultou no Ofício nº 05/2020 (FAUERS, 2020). Esse documento inicia, para além de uma exposição sobre as etapas de todo o passeio e o que se faz em cada uma delas, explicando o que aciona o passeio. Segundo a Fauers, o passeio é acionado após obrigações que levam a um tempo de resguardo:

A ritualística do “Passeio” se dá após a conclusão de preceitos religiosos por parte da pessoa que cumpriu os seus dias de resguardo, ou seja, quando se faz uma obrigação (“retiro espiritual), o religioso fica recolhido em um Quarto de Santo (espaço sagrado), por três, quatro, até cinco dias recolhido ao sagrado e neste período sem contato com a população de fora (FAUERS, 2020, p. 1).

O documento segue explicando *uma* das possibilidades do passeio:

Após cumprir os seus dias de recolhimento, o Babalorixá ou Yalorixá (responsável pelo terreiro) leva os filhos que cumpriram os preceitos a fazer o chamado “Passeio”, que se dá da seguinte ordem: os membros religiosos devem ir até o Mercado Público, berço da tradição da Religião de Matriz Africana no Estado do Rio Grande do Sul, onde ele simboliza o cruzeiro, pois tem quatro acessos. Na chegada ao Mercado Público, além de reverenciar os quatro cantos, jogando uma moeda, os membros também têm por obrigação cumprimentar o Bará (sincretizado com Santo Antônio e São Pedro), que está sento (plantado/posicionado) no centro do mercado. Após este cumprimento, os irmãos de religião deslocam-se até as lojas que existem no próprio mercado e compram grãos e flores, que representam a prosperidade. Saindo do Mercado Público os religiosos deverão pedir Agô (“bater cabeça”/reverenciar) em um local sagrado religioso católico. Pois, dentro da ancestralidade, os negros escravizados usavam a igreja, quando não tinha ninguém, para cultuar seus orixás, sincretizando as imagens católicas aos Orixás, pelos elementos da natureza que cada qual representa. Neste momento, então, entram todos em silêncio, onde alguns se ajoelham e outros se deitam em frente ao altar reverenciando o sagrado. O momento em que se deita, é momento de respeito a Oxalá (Jesus), esse cumprimento não passa de cinco segundos, no máximo, por integrante. Após, com os grãos e flores em mãos, se deslocam até a praia (Lago Guaíba), onde reverenciam a água, pois dentro do seu preceito religioso também foi usado o peixe durante a ritualística, joga-se então esses grãos e flores na água, agradecendo e pedindo prosperidade. Saindo dali toda a comitiva se desloca até a casa de um padrinho, onde é servido um lanche para compartilhar do agradecimento pelo momento espiritual vivenciado, encerrando-se a semana de obrigação.

A partir da leitura desses materiais, começamos a formular perguntas iniciais para guiar nossas observações nas idas a campo, que começaram no dia 9 de julho de 2022, um sábado⁹, na Igreja do Rosário. Definimos como primeiro ponto de atenção os gestos que os grupos de religião iriam acionar dentro do santuário, com especial atenção para o “bater cabeça”, disparador do conflito. Para Weber, bater cabeça significa deitar-se e encostar a cabeça no chão e “girar” o corpo de um lado para o outro. Prestando atenção nas falas de Pai Maninho no vídeo, podemos perceber ambiguidades. Em um momento, ele menciona que algumas pessoas de seu grupo ainda não bateram cabeça. Mas quando o padre fala em se deitar no chão, Pai Maninho diz que ele e seu grupo não fazem isso, que apenas tiram agô. E, de fato, seu filho de santo não se deita quando vai ao altar. Assim, o que é e o que pode ser bater cabeça?

Outro ponto a ser observado foi a motivação que leva os grupos à Igreja do Rosário. Para isso, procurei falar com os grupos após sua saída do santuário para trocar informação mais rápidas e tentar uma entrevista em outro dia. Relacionado a esse assunto está o sincretismo, que apareceu na fala de Maninho, no ofício da Fauers e de batuqueiros com quem falei e entrevistei. Assim, fui instruído a prestar atenção no percurso dos grupos dentro da igreja: quais altares são visitados? Somente o altar-mor ou outros também? Em qual ordem? Algum gestual é acionado?

A pesquisa se fundamenta pela falta de trabalhos que debatam o passeio. Ele é mencionado em alguns trabalhos ou aparece apenas como um relato (ORO; ANJOS; CUNHA, 2007; QUEIROZ, 2022; MARQUES, 2013), mas nunca foi o centro de um trabalho.

Fui a campo.

2 CHEGANDO NO CAMPO

O campo começou rápido. Cheguei ao santuário e vi o porteiro perto da entrada e o altar-mor delimitado por uma corrente. Sem sinal do papel com as instruções de comportamento. Sentei-me num banco e logo ouvi o barulho de guias. Olhei para trás e vi que entrava um grupo de mais ou menos 10 pessoas vestindo roupas e lenços

⁹ Os passeios acontecem aos sábados e às segundas-feiras. A escolha do dia varia de casa a casa. Alguns pais e mães de santo preferem fazer o passeio nas segundas-feiras, após o batuque, geralmente tocado aos sábados ou domingos. No entanto, o passeio também pode ocorrer aos sábados, pois nesses dias as obrigações já foram levantadas. Isso permite que quem precisa fazer o passeio pode voltar a trabalhar na segunda-feira.

brancos. O líder do grupo era um homem branco. Ajoelharam-se no último banco da fileira à esquerda. Após esse momento de reflexão, tentaram chegar até o altar-mor pelo corredor principal. Nesse momento, o porteiro, que não tinha falado com eles na entrada, os alcançou. Não consegui ouvir o que foi falado, mas o grupo foi para o corredor esquerdo e se direcionou para a saída da igreja. Anotei no meu diário de campo:

Na saída da igreja, o grupo começou a discutir com o segurança [porteiro]. Me aproximei e ouvi o segurança falando que [ele] tinha que avisar a todos que não se pode ter acesso ao altar e deixar comidas no santuário, como pipoca. Ao que uma integrante do grupo respondeu que eles não tinham sacolas, então que, evidentemente, não deixariam nada no santuário. O segurança disse que agora sabe o nome do pai de santo e que eles não fazem nada de “errado” e que o episódio não vai se repetir quando eles vierem ao santuário novamente.

Quando o segurança se afastou eu me aproximei do grupo. Perguntei o que aconteceu e o líder do grupo e disse que foram impedidos de “bater cabeça” e que não é a primeira vez que isso acontece. Saíram andando e não responderam mais perguntas (diário de campo, 09/07/2022).

Durante alguns meses, observei o porteiro, Carlos¹⁰, abordar os grupos que entravam na igreja. Ele iniciava a abordagem dando bom dia e perguntando se o grupo já conhecia as regras do local. Se a resposta era afirmativa, Carlos deixava o passeio prosseguir. Se não, explicava ele mesmo as regras, sem qualquer papel.

Alguns meses depois, Carlos mudou de postura:

[Ele] Disse que trabalha nisso durante os finais de semana há 6 anos e que é membro da paróquia há 37 anos. Contou que nem se levanta mais para receber os grupos e perguntar se eles sabem as regras da igreja. Agora, ele procura “doutrinar” apenas quando é preciso. Segundo ele, ele não está lá para brigar, sempre faz tudo com respeito e diz que os grupos também precisam ter respeito (diário de campo, 01/10/2022).

No mesmo dia, disse que o que aconteceu com o Pai Maninho foi “mentira”.

Alguns meses depois, Carlos contou que não precisava mais falar com os grupos porque “não tem mais exageros” e que agora era amigo de Maninho.

Porém, antes dessa mudança de comportamento, que ocorreu pelo menos na minha presença, pude observar Carlos engajar em pequenas discussões ao tentar explicar as regras para os grupos ou ao abordar grupos que se ajoelhavam na frente do

¹⁰ Nome fictício.

altar-mor ou dos altares laterais. Nesses casos, o passeio era encerrado antes de sua finalização.

Claro, a presença de Carlos ou dos outros porteiros, mesmo quando não interagem com os grupos que entram no santuário, marcam a vigilância do santuário e uma tensão.

As conversas rápidas que tive com os grupos que saíam da igreja deram a entender que aproximadamente metade dos grupos nunca teve qualquer problema dentro do santuário. Enquanto isso, a outra metade relatou já ter “batido boca” com o padre ou com o porteiro, ou mesmo ter sido expulsa por fiéis.

Apenas uma vez vi a missa ser interrompida porque um grupo tentou passar na frente do altar-mor. O padre parou de falar no microfone e disse para o grupo parar onde estavam. Uma mulher que estava sentada no primeiro banco ficou em pé e estendeu a palma da mão para o grupo.

Nessas conversas, também perguntei – quando os grupos me concediam tempo – por que o passeio é feito e o que se faz dentro da igreja. Assim, fui aprendendo que o passeio é feito para apresentar (ou reapresentar) quem faz uma obrigação que envolve a sacralização de um “quatro pés” e um período de reclusão chamado de “chão”. Em cada ponto, também são feitos pedidos e agradecimentos. Primeiro, na maioria das vezes, vai-se ao Mercado Público saudar Bará. Em seguida, na Igreja do Rosário, apresentam-se a Oxalá, a Jesus ou a Deus. Além disso, muitas mães e pais de santo mencionam a ancestralidade da igreja, originalmente construída por escravos, como uma das motivações para ir até lá. Essas mães e pais de santo falaram sobre os orixás que foram assentados no local pelos escravos como modo de viabilizar o culto aos orixás. Da direita para a esquerda, temos os altares de (Figura 2): 1) Santo Antônio (Bará) e São Benedito; 2) Nossa Senhora Aparecida (Oxum); 3) São Miguel Arcanjo (Xangô); e 4) São Jorge (Ogum).

De acordo com Pai Joel¹¹, um homem negro de nação cabinda, em entrevista realizada no dia 22 de julho de 2023, se vai ao Guaíba para saudar Oxum, Iemanjá e Oxalá, “os orixás da criação”. Depois disso, é realizado um “café” na casa do pai ou da mãe de santo

Para Pai Joel, ir até a Igreja do Rosário é uma questão de praticidade, porque ela é a que fica mais perto do Mercado, “a chave principal do passeio”. Joel disse que nunca

¹¹ Os nomes citados de agora em diante são fictícios.

teve problemas na igreja. No dia 12 de outubro de 2023, falei com Pai Eduardo, um homem branco de nação cabinda, que faz o passeio sem ir a qualquer igreja. Em vez de ir à Rosário, passa na frente de bancos, onde joga moedas. Para ele, ir à igreja é uma coisa que “escraviza”. Na nossa conversa, mencionou a tensão de se estar na rua de axó e de entrar numa igreja, correndo o risco de ser rechaçado.

Enquanto isso, indo na direção contrária, em entrevista concedida no dia 13 de outubro de 2023, Pai João, um homem negro de nação ijexá, evocou a ancestralidade da igreja como uma das motivações para ir até lá. Segundo ele, o sincretismo dos orixás transformados em santos permitiu a sobrevivência e a prática das crenças do batuque.

Há ainda outra diferença entre Pai Eduardo e Pai João: seus posicionamentos sobre a origem do passeio. Enquanto para Pai Eduardo o passeio tem origem no Rio Grande do Sul, para Pai Tita, o passeio tem origem na Nigéria, onde mercados, matas e corpos d’água eram visitados.

Dada essa exploração inicial sobre porque o passeio ocorre e como ocorre, passo agora para uma breve explicação do que vi dentro da Igreja do Rosário.

3 DENTRO DA IGREJA

Inspirado por Toniol (2015) e Meyer (2013), passei a observar o corpo batuqueiro dentro da Igreja do Rosário. Os corpos que se movimentam em grupo e que vestem axós deixam marcado o seu pertencimento religioso, que, dentro da igreja, será observado e terá regras impostas a si. A partir desse momento, outras regras entram em vigor. Por exemplo, diferente de um corpo individual que veste apenas camiseta e jeans, o corpo batuqueiro não pode se ajoelhar em qualquer momento. Ou pelo menos era assim antes da mudança de comportamento, e atual afastamento, de Carlos. Este ano, no dia, 22 de julho, observei um grupo se prostrar ou se deitar na frente do altar-mor sem qualquer intervenção.

Agora, para explicar o trajeto dos grupos dentro da igreja, adiciono ao texto a Figura 2. Nela, os asteriscos representam pontos de ação, onde já observei grupos fazerem alguma coisa. Esse mapa representa tudo que já vi, de modo alguns grupos frequentam alguns locais que outros grupos não dão atenção.

Os grupos geralmente entram na igreja pela esquerda, por onde vêm do Mercado. Na entrada ou na saída do santuário, podem ou não jogar moedas nos cantos das portas. Essa ação, marcada pelo asterisco azul mais abaixo, acontece de forma

discreta para evitar a atenção dos porteiros. Quem joga moedas geralmente olha para os lados para saber se os porteiros estão por perto.

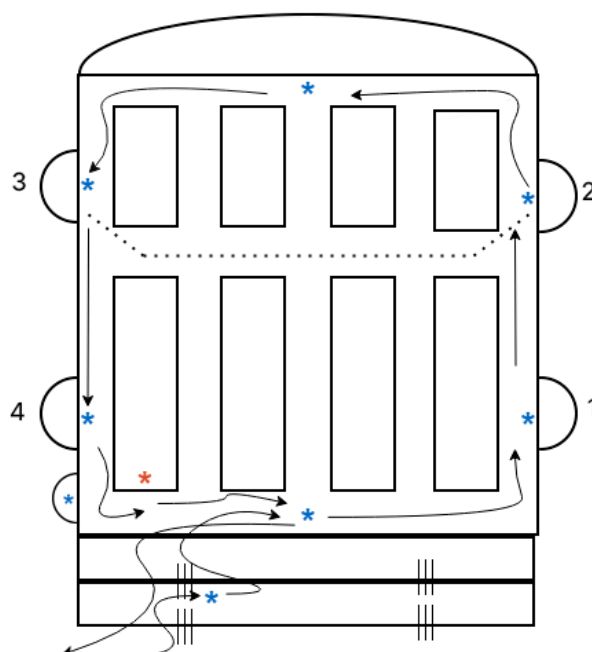
No próximo ponto, ao entrarem na igreja, vão até o recipiente de água benta e fazem o sinal da cruz. No fundo da igreja há uma imagem de Jesus e muitas pessoas encostam nela com uma das mãos. Ainda no fundo, olham para o altar-mor e fazem uma reverência.

Em seguida, indo para a direita para seguir o sentido anti-horário, se vai para o altar 1, já mencionado acima. Raras as vezes, os grupos tentam se ajoelhar na frente dos altares laterais. Geralmente, as pessoas apenas encostam uma das mãos em algumas das imagens e encostam essa mão na testa ou a beijam. Foi-me dito, por uma pessoa batuqueira, que isso é uma forma de bater cabeça.

Do altar 1, se vai para o altar 2, de Oxum. Geralmente há flores amarelas nesse altar. Dali, os grupos podem ir ao altar-mor ou cruzar para o altar 3, de Xangô, como na linha pontilhada. Então, pode se ir ao altar 4, de Ogum. Esses dois últimos altares são os que recebem mais atenção. São onde as pessoas param por mais tempo ou são único ponto da igreja que é visitado.

Ali perto, também há um espaço com a pia batismal e uma imagem de Jesus. Alguns grupos param ali para fazer o sinal da cruz. Dali, os grupos vão ao fundo do corredor central fazer mais uma reverência antes de irem embora (pela esquerda).

Figura 2 – Mapa da Igreja do Rosário com pontos de ação



Fonte: o autor

O asterisco vermelho representa uma outra forma de frequentar o santuário. Muitos grupos optam apenas por sentar e se ajoelhar num dos últimos bancos. Pai Joel faz apenas isso em seu passeio. Segundo ele, ele faz isso como forma de respeito “ao lugar dos outros”.

Claro, há também quem se senta/ajoelha e depois percorre a igreja.

4 PARA ONDE IR

Minha futura dissertação pode seguir por muitos caminhos. Mas, num primeiro momento, pretendo continuar com as visitas a Igreja do Rosário, fazer mais entrevistas e encontrar terreiros para frequentar e acompanhar um passeio desde o início. De literatura, acredito que a obra mais importante a ser lida é o livro de Correa (1992) sobre o batuque gaúcho.

Ainda há mais uma dimensão a ser investigada na Igreja do Rosário: uma pessoa batuqueira me sugeriu procurar pelas pessoas que fazem o passeio sem axó ou sozinhas.

Para discutir sincretismo, posso partir de Bastide (1973, 1971) – para quem o sincretismo ameaça a lógica africana – para me apoiar na análise contrária – de que o sincretismo vai além de um jogo de soma zero – de Vogel, Mello e Barros (2012).

Também tenho interesse de estudar rituais a partir de Turner até Mariza Peirano, Stanley Jeyaraja Tambiah e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Um caminho que pode ser prolífero é seguir a ideia de Hamberger (2014) de analisar rituais em conjunto e o espaço onde ocorrem. Para isso, posso analisar meu material juntamente com o texto de Anjos (1995).

Por fim, para me aproximar de mais informações de como o passeio pode ser feito, pretendo valer-me de dois documentos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) sobre as casas de religião de matriz africana do estado em Porto Alegre e região metropolitana (IPHAN, 2024a) e em Jaguarão, Pelotas e Rio Grande (IPHAN, 2024b). Para além do estado e no candomblé, temos as “romarias de iaôs”, presentes em Vogel, Mello e Barros (2012).

REFERÊNCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes dos. O corpo nos rituais de iniciação do batuque. In: LEAL, Ondina Fachel (org.). **Corpo e Significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995. p. 139-153.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Pioneira: São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. “Contribuição ao estudo do sincretismo católico-fetichista” In: _____. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, pp. 159-91, 1973.

CORREA, Norton F. **O batuque do Rio Grande do Sul**: antropologia de uma religião afro-rio-grandense. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1992.

HAMBERGER, Klaus. From village to bush in four Watchi rites: A transformational analysis of ritual space and perspective. **Hau: Journal of Ethnographic Theory** 4 (1): p. 129-153. 2014.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Mapeamento das casas de religião de matriz africana no Rio Grande do Sul**: Módulo 1 – Porto Alegre e Grande Porto Alegre. Porto Alegre: Iphan, 2024a. 327 p.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Mapeamento das casas de religião de matriz africana no Rio Grande do Sul**: Módulo 2 – Jaguarão, Pelotas e Rio Grande/RS. Porto Alegre: Iphan, 2024b. 665 p.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Sobre raízes e redes**: territorialidade, memórias e identidades entre populações negras em cidades contemporâneas no sul do Brasil. 2013. 389 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MEYER, Birgit. Material mediations and religious practices of world-making. In: LUNDBY, Knut (Ed.). **Religion across media**: from early antiquity to late modernity. New York: Peter Lang, 2013. p. 1-19.

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos dos; CUNHA, Mateus. **A tradição do Bará do Mercado**. Porto Alegre: PMPA/SMC/CMEC, 2007.

QUEIROZ, Vitor. Na rua, no meio do redemoinho: das mediações de Exu no espaço público à ação político-ritual em dois contextos afro-religiosos. **Religião & Sociedade**, 2022, 42(1): p.127–152.

TONIOL, Rodrigo. **Do espírito na saúde: oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil**. 2015. 302 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Cap. 4.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. **A galinha d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MATERIAIS MENCIONADOS

FAUERS. **Ofício nº 05/2020**. Canoas, RS: Federação Afro-Umbandista Espiritualista do Rio Grande do Sul, 23 jan. 2020.

WEBER, Jéssica R. Ritual de matriz africana em igreja católica provoca polêmica entre líderes religiosos. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 24 jan. 2020. Disponível em: <https://diariogaicho.clicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2020/01/ritual-de-matriz-africana-em-igreja-catolica-provoca-polemica-entre-lideres-religiosos-12185932.html>. Acesso em: 27 jun. 2024.